

UM FUTURO QUE NUNCA ACONTECEU

Texto e fotografias por **Filipe Magalhães + Ana Luisa Soares (Fala atelier)** (Portugal)

um futuro que nunca aconteceu

Em 1972, a Nakagin Capsule Tower era anunciada nos media como um sinal do 'despertar da era da cápsula'. Com a sua estética avant-garde, uma estrutura esbelta coberta de pequenas unidades individuais intituladas de 'cápsulas', propunha uma habilidade mutante, de adaptação ao longo dos tempos. Aumentava, teoricamente, a capacidade de adequação do edifício ao mundo em acelerado desenvolvimento de uma sociedade pós-industrial. O rapidamente promovido a ícone apresentava-se como o futuro da habitação.

A ironia da história deste herói caído em desgraça assenta no facto desta ter sido a última arquitectura do seu tipo a ser construída, morrendo pelo seu próprio veneno. Hoje a torre expõe-se apenas como uma pujante lembrança de um caminho que não foi seguido, como uma ode escultórica a um futuro que nunca chegou.

lado urbano

Quando foi inaugurada, era o edifício mais alto do quarteirão. Visível de longe e, com o seu aspecto de ficção científica, expunha-se para a via rápida adjacente como uma máquina vinda do futuro. As revistas e televisões promoviam Kurokawa a estrela, chamavam-lhe 'o amigo da imprensa', e ficava no ar a ideia de que muitos outros exemplos desse tal 'metabolismo' iriam finalmente proliferar pela densa cidade de Tóquio.

Quarenta anos passaram e hoje é fácil perceber como a máquina se perdeu na banal rotina do dia-a-dia. A torre está presa, velha e decadente, tapada pela sombra dos novos arranha-céus. Contrariamente ao que estava previsto, as cápsulas nunca foram substituídas, nem mesmo actualizadas. Os materiais não resistiram ao passar do tempo, porque não era suposto que resistissem, e os problemas aumentam a cada dia: infiltrações, ferrugem, corrosão. Não existe manutenção e o edifício foi recentemente coberto por uma rede de protecção, pelo medo dos muitos detritos que começaram a cair nos passeios.

O herói está a decompor-se e as poucas cápsulas que se iluminam à noite revelam um fado de abandono.



Photo credit: <https://www.flickr.com/photos/jumbo185usa/2607930702/> / <http://foter.com/> / <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/> / CC BY-NC-SA

edifício

Os turistas adoram a Nakagin. Quase todos os dias é fácil vê-los do outro lado da rua com as máquinas fotográficas em grande frenesim. Tentam entrar, mas o porteiro já está mais do que rotinado a combatê-los. Às vezes abordam-nos na esperança de que lhes mostremos a nossa cápsula. A torre divide-se em dois núcleos de acessos verticais, A e B, com 68 e 64 cápsulas, respectivamente. O piso térreo é composto apenas por um grande átrio e uma loja de conveniência; o piso 2 é um tradicional complexo de escritórios. Acima desse ponto as escadas em espiral revelam apenas a portas das várias habitações.

A estrutura das caixas de escadas é de betão armado; as unidades estão suspensas na estrutura

principal por um sistema de tirantes metálicos. Os elevadores funcionam perfeitamente e são alvo de inspecções quase semanais. Todos os dias, bem cedo, um senhor velhinho limpa as escadas e espaços comuns com um pano húmido.

estética forjada

Os metabolistas definiram nos seus manifestos um vocabulário de projecto urbano derivado de palavras como 'organismo', 'célula', 'tecido' ou 'regeneração'. Como resultado, a linguagem dos seus projectos reflectia estes ideais e a Nakagin, um canto de cisne tardio, representava a última manifestação da materialização desses valores. Como tal, Kurokawa aproveitou a oportunidade para, numa escala infinitamente menor da dos projectos teóricos que desenvolvia, esculpir um ideal. O movimento do alçado, a proporção da base ou o remate no topo do edifício foram pensados para moldar uma linguagem que se pretendia (teoricamente) natural e orgânica. Num claro contrassenso conceptual, o arquitecto declarava publicamente que cada habitante contribuiria para a construção da forma do edifício e da cidade, mas na realidade era ele quem definia todas as decisões como uma grande escultura de clichés.

espaços comuns

As cápsulas são pequenas e formatadas e isso levou a que os moradores se tenham apropriado delas de modos diferentes e curiosos. O mesmo acontece com os espaços comuns: ao subir a escada é possível ver estendais cobertos de roupa a secar, armários de sapatos, estantes com livros velhos e bolorentos, autênticas arrecadações de caixas e encomendas, enormes malas de viagem, bicicletas desmontáveis e até mesmo pequenas vedações à volta das portas. As saídas de emergência foram promovidas a salas de fumadores com cinzeiros e cadeiras, e o átrio, por ser um espaço amplo e generoso, foi promovido a sala de reuniões dos muitos habitantes que usam as cápsulas como escritórios. A varanda no terceiro piso, cobertura do piso de escritórios, é uma plataforma abandonada onde apenas se concentra lixo, água das tubagens apodrecidas e pedaços das cápsulas que vão caindo.

Do lado de fora são visíveis as várias janelas secundárias que os moradores foram abrindo nas suas unidades: uns por vontade de criar iluminação natural no wc, outros para aproveitamento da melhor exposição solar ou simples ventilação natural, uma vez que a grande janela redonda é fixa. Mais de um terço das cápsulas tem novos e (bem visíveis) ar condicionados colados nas fachadas.



problemas comuns

O edifício sofre de vários problemas e o mais notório será, provavelmente, o avançado estado de degradação das tubagens. Colocadas no pequeníssimo espaço entre as cápsulas e as paredes do núcleo de elevadores, foram pensadas para durar 20 anos e serem acessíveis para manutenção no momento de substituição das unidades. Mas a substituição nunca chegou a acontecer e os tubos apodreceram na maior parte das habitações levando a inúmeras infiltrações. Muitas das cápsulas ficaram assim inutilizáveis, apodrecendo pelo interior.

Deixou de existir abastecimento de água quente. Para tomar banho, ou se recorre um esquentador por conta própria, ou se usa o chuveiro comum no piso de entrada. A maioria dos moradores, que não são muitos, utiliza o chuveiro comum. A ligação de água fria que existe nas unidades é gratuita e na torre B já não é a original. Com a degradação dos canos, há alguns anos atrás foi instalada uma nova rede de canalizações. Mas as obras foram feitas sem qualquer cuidado: as portas foram serradas sem critério para deixar passar os novos tubos e criar as necessárias ligações. É visível por todo o lado que de cada vez que foi necessário fazer algum tipo de reparação, o edifício nunca foi respeitado. Cada obra foi um remendo. Nos dias de chuva as infiltrações são visíveis nos corredores onde as juntas de muitas das unidades se desgastaram e a água escorre livremente pelas portas. É comum ver o porteiro a correr pelas escadas, colocando baldes nos pontos mais críticos. Algumas das portas estão cobertas com plásticos. Em 1972 cada unidade foi isolada com uma camada de 3 cm de asbestos. Sendo uma solução tóxica inviabiliza a utilização do sistema de ventilação embutido nas cápsulas. Ainda assim, actualmente essa camada é quase inútil e as cápsulas sofrem enormes variações térmicas. Apenas com o auxílio de um forte aquecedor e de um moderno ar condicionado se conseguem suportar as oscilações de temperatura.

O sistema de persianas em leque de papel japonês, do projecto original, durou pouquíssimo tempo, e hoje já nenhuma cápsula o possui. Do lado de fora são visíveis as diferentes soluções de recurso que os moradores encontraram para combater o excesso de luz no interior durante a madrugada e mesmo para gerar alguma privacidade: cortinas, peças de roupa, folhas de jornais, estantes.

cápsulas

O espaço no interior das cápsulas não é assim tão pequeno, mas isso nem sequer parece muito relevante no dia-a-dia: a cápsula cumpre a sua função moderna de 'máquina de habitar' e, mesmo para casais, o que teoricamente torna a experiência ainda mais extrema, é possível habitar com toda a normalidade.

A janela é grande e circular e, num espaço daquelas dimensões, revela-se muito generosa: existe uma clara vontade de exponenciar a relação do espaço interior com a cidade. O caixilho é fixo para evitar acidentes, mas acaba por impossibilitar a ventilação natural do quarto.

Todas as superfícies estão em contacto com o exterior e o resultado é simples: no verão está muito calor e no inverno está muito frio. Existe um enorme espaço para o sistema de ventilação integrado no desenho original da cápsula, que infelizmente não pode ser utilizado pelo risco de contaminações.

Nas unidades que mantêm o desenho original a ergonomia é total: com 35 cm de profundidade, um armário cobre a totalidade de uma das paredes e serve de arrumação a toda a cápsula. É um aparador, uma mesa de jantar, um armário para a roupa, um conjunto de alçapões para outros objectos e um espaço para pendurar cruzetas. A mesa rebate, desaparecendo quando não é necessária, e é relativamente baixa, tal como o lavatório. A cápsula está cheia de pequenos detalhes que, de um modo muito simples e quase imperceptível, potenciam a 'habitabilidade' da cápsula.

A televisão ocupa um espaço próprio e destacado. Poucas são as cápsulas onde o rádio original ainda funciona. O frigorífico é pequeno e apertado, como num minibar, e o congelador não é selado e acaba por refrigerar todo o aparelho.

O wc consegue ser ainda mais ergonómico. As paredes são construídas num plástico lavável tornando o espaço numa cápsula dentro da cápsula (numa visita a algumas das unidades abandonadas é visível o avançado estado de degradação dos restantes elementos em comparação com os sanitários). Sendo um espaço interior, sem janelas para o exterior, a porta tem uma abertura em vidro fosco, também ela redonda, que vai buscar luz natural ao interior do quarto. Mesmo sendo um espaço tão pequeno, existe uma banheira em vez de um chuveiro, que juntamente com a sanita e o lavatório formam uma só peça plástica que



funciona como um todo e organiza o espaço. Os dispensadores de sabonete, lâmpada, suporte de toalha e pequenas prateleiras estão subtilmente colocados nas paredes de modo a evitar a necessidade de um armário.

ironia: referências clássicas num ícone futurista

O metabolismo vivia de projectos e soluções para as cidades do futuro. Ironicamente não se conseguia soltar das "tradições" que ditavam os valores tradicionais locais, uma imagem clara do que é ainda hoje a cultura japonesa.

A cápsula é quase uma caricatura desta condição. Apresentada como a habitação do futuro, viu a sua área ser calculada com base na dimensão de uma tradicional sala de cerimónia de chá e a forma e proporção da janela como uma reinterpretação da "Enlightment Window" do Templo Genkoan em Kyoto; o ciclo de vida sugerido por Kurokawa era uma alusão directa ao Templo de Ise, reconstruído a cada 20 anos.

O mobiliário que se imaginaria leve, vanguardista e em materiais inovadores era na realidade construído em madeira de pinho lacado, com a mão de obra mais comum e a tecnologia menos exigente. Mesmo com a área limitada, o wc era concebido com uma banheira completa que possibilitasse o tradicional banho, fundamental na cultura local. O aparato da imagem exterior do edifício esconde os motivos que lhe serviram de referência: o futuro metabolista vivia da interpretação do seu passado.

comunidade

Talvez 25 a 35 pessoas vivam no edifício. Poucos usam a cápsula como morada fixa, sendo que maior parte utiliza o seu espaço como segunda morada ou escritório. Nos corredores existe pouco ou nenhum movimento.

Mais de metade das cápsulas estão abandonadas e uma grande parte está 'selada' pelo exterior, pelos riscos que representam. Outras nem sequer têm fechadura e é possível entrar e ver um estado de decomposição avançado: as paredes estão a cair, os armários estão desfeitos e à lixo, fungos e humidade por todo o lado. Das escadas de emergência, no exterior, é possível ver as coberturas danificadas e as várias infiltrações. O piso de entrada e o piso de escritórios funcionam normalmente e estão bem conservados mas as cápsulas estão a apodrecer lentamente.

O porteiro sai à meia noite, e só volta às 06h00. A porta fica aberta toda a noite.

os moradores (personagens únicas)

Noritaka Minami, um fotógrafo japonês que tem vindo a retratar o edifício nos últimos anos, numa conversa de café disse que "quem vive neste edifício, ou quer muito estar aqui, porque se sente atraído pela sua excentricidade, ou não tem outra opção. Todos os moradores da Nakagin são pessoas com uma história curiosa." Uma ronda de entrevistas pelos vários moradores comprova isso. No sétimo piso vive o comerciante de peixe que usa a cápsula como escritório, casa e refúgio da família. Gosta da zona, queixa-se de falta de espaço mas já vive ali há mais de 10 anos. Entrar no seu espaço é como visitar o interior de um guarda-roupa revivalista, onde mal se consegue movimentar. Uns pisos acima, uma estudante de 19 anos é a mais jovem moradora. Diz que os amigos acham "super cool" ela morar aqui, mas confessa ter medo do futuro deste edifício "único".

Algures na torre A mora a senhora que nunca sai da sua cápsula. É japonesa, na casa dos 40, e todos os moradores sabem da sua existência; no entanto quase nenhum falou com ela. Sente-se "atraída por este ícone" e simplesmente quer morar "o

máximo de tempo possível" ali.

No alto da torre B mora, aos fins de semana, o casal de radicais defensores do restauro integral do edifício. Um casal simpático, fundador do clube "de amigos da nakagin". Têm, provavelmente a cápsula mais preservada no seu estado original, com todos os elementos originais expostos ou devidamente protegidos (cobertores, lençóis, televisão, rádio, cama, etc). Coleccionam recortes de jornais e revistas sobre o edifício e têm um livro de registo de todos os visitantes.

Um agente publicitário comprou 5 cápsulas abandonadas e restaura-as sozinho aos fins de semana. Nunca viveu no edifício, nem pensa viver porque "tem uma família". Quando acaba os restauros, rentabiliza-os alugando as suas unidades modificadas com pavimentos de madeira envernizada e paredes pintadas de fresco. Acredita que o futuro passa mesmo pela substituição das cápsulas.

Duas portas a cima, mora o vendedor de sex-toys que raramente sai de casa. Usa o seu espaço como arrecadação, posto de vendas, escritório e habitação. O corredor é o ponto de armazenamento de encomendas e caixas de cartão vazias. Já no último piso, mora uma curadora de arte, que faz ilustrações coloridas do interior das várias cápsulas. A meio da torre A trabalha o compositor de música para videojogos que "não se imagina a viver em nenhum outro sítio".

No quarto piso mora o salaryman contrariado: não quer viver aqui, mas o seu contrato de trabalho força-o a aceitar as acomodações que a empresa lhe propuser. Tem medo de perder o seu emprego e por isso vive aqui contra a sua vontade.

habitar um livro de história

Acordar numa cápsula será, em limite, como acordar noutro lugar qualquer. Existe uma cama, armários, roupa por todo o lado e ouve-se o trânsito de manhã. No entanto existe algo mais, algo que torna cada despertar num momento especial. Talvez pelo carisma da grande janela redonda e da mesa que ora está aberta e coberta de tralha, ora está fechada e silenciosa; pela porta do quarto de banho que parece a entrada de um submarino ou pela escala do quarto que faz sentido de um modo muito próprio. Ao fim de tanto tempo ainda não é fácil acreditar que moramos aqui. Todas as manhãs têm o seu momento de feliz choque com a realidade.

Como arquitectos, passamos anos a estudar os edifícios mais notáveis: as suas plantas, cortes, ideias e ideais. No entanto, viver num desses 'exemplos' é uma experiência diferente. É ser parte activa dos livros de história e teoria, e quase não ter essa noção. É ver a cápsula como 'a nossa casa' e não como um conceito radical de arquitectura.

tipologia vs actualização

Cada interveniente tem uma diferente visão sobre o edifício: uns mais radicais, outros mais acomodados, todos se expressam preocupados, mas com uma inquietante falta de força conjunta. Como moradores, é ainda mais difícil ser imparcial e decidir sobre o que faria mais sentido para o futuro. Ao entrevistar os habitantes é fácil perceber que a tipologia foi, desde o início, um ponto a favor. Todos referem os poucos metros quadrados disponíveis por unidade, mas não como um problema: é a solução que faz mais sentido para uma cidade como Tóquio. Uns com casa no subúrbio e outros vivendo na cápsula a tempo inteiro, todos concordam que esta é a condição de espaço que melhor serve a metrópole, possibilitando uma localização central e estratégica em detrimento de uma sala ou jardim. "A cidade cumpre esse papel".

Por outro lado, a ideia de substituição das unidades e os problemas que ela causou (quer por falta de previsões realistas quer pela simples utopia inerente ao seu conceito) deixa os moradores muito críticos. O investimento económico e de tempo necessários, e a noção de que esta seria uma solução (novamente) temporária, afastam a vontade de investir. Os regulamentos de edificações também mudaram e o edifício encontra-se agora com 41 anos de idade, ultrapassado o período tipo para demolições (30 anos) mas ainda longe do ponto de qualificação como objecto de interesse público (50 anos). É confuso aceitar que um edifício com um ar tão futurista seja considerado património histórico.

futuro (4 hipóteses)

O princípio da Nakagin Capsule Tower baseava-se numa condição de mudança urbana e mutação do edifício. No entanto, essa condição não se verificou: o futuro para qual ele apontava sofreu um desvio, ou nem chegou a existir, e o seu espaço parece cada vez mais curto. A cidade desconfia da sua segurança, justificadamente, e apenas os



arquitectos e historiadores parecem ver a sua requintada beleza. O futuro é indefinido. Quatro opções ficam sobre a mesa:

Visão economicista: a torre é demolida, o terreno é vendido à melhor proposta e um novo (e bastante genérico) arranha-céus é construído. Cada morador recebe uma enorme quantia de dinheiro. Update: a profecia finalmente é cumprida e as velhas cápsulas são substituídas por novas unidades com adaptador para ipod. Cada morador recebe um novo apartamento no centro da cidade.

Simple nostalgia: as cápsulas são restauradas para a sua condição original, o edifício é qualificado e torna-se um museu de si mesmo. Todos os moradores são promovidos a curadores.

Indiferença: a melancolia apodera-se dos intervenientes, não existe consenso e a torre apodrece. Infelizmente (ou talvez não) a quarta opção é o caminho mais imediato.

filho único

O primeiro manifesto metabolista data de 1960 e representa o momento de construção teórica do movimento. Em 1970 acontecia em Osaka o grande produto de uma década de investigação: a Expo70, evento determinante na definição e compreensão do Japão contemporâneo. O intervalo de tempo entre estes dois momentos define o período áureo do movimento metabolista.

Em 1972 a Nakagin Capsule Tower era inaugurada, já fora do seu tempo. ■